

# ANTROPOLOGIA DA FESTA

\* Professor do ITESP.

Hermilo E. Preto\*

## Resumo:

*O a. parte do questionamento de certas abordagens antropológicas que delimitam em excesso a compreensão da experiência humana para apresentar, numa rede de conceitos, uma compreensão mais adequada do que seja a dimensão da festividade para a humanidade. Depois de criticar certos esquematismos que acabam por reduzir o humano à sua capacidade produtiva, o a. a partir da surpresa da revelação do sentido na realidade, apresenta a dimensão de gratuidade como a dimensão fulcral do humano. Conclui o ensaio apresentando uma série de características da festa: transbordamento, busca de ser, superação do cálculo e da moral e contestação do poder.*

## Chaves:

*Antropologia: festa, Festividade, Lúdico, Gratuidade,*

## INTRODUÇÃO

A reflexão que segue é uma tentativa de compreender a festa no interior da realidade mesma do ser humano, em sua estrutura de ser. Trata-se, no fundo, de saber se o ser humano é alguém que circunstancialmente *faz festa*, suspendendo sua atividade normal e entregando-se a uma experiência excepcionalmente *não produtiva*, ou então alguém que é *por natureza festivo*, aí expressando sua dimensão maior e melhor. Na primeira hipótese teríamos uma compreensão da festa como parênteses, suspensão do essencial, buscando energias para um retorno àquilo que, afinal, seria a condição normal: a *produção*. Na segunda hipótese chegaríamos à conclusão de que o ser humano atingiria o máximo de humanidade justamente no *momento festivo*. A conclusão natural seria a de que, em face da exclusão da festa, ele fatalmente se degradaria e regrediria

para formas inferiores de vida. Não é difícil perceber que aí se joga nada menos que o sentido da vida.

Visando abrir caminhos que permitam uma visão mais profunda e mais abrangente, parece-me necessário reformular a compreensão tradicional a respeito do ser humano, que o visualizava principalmente a partir da *produção*, tanto em termos de *interpretação* da realidade (razão) como de sua *transformação* (trabalho). Afinal, como captar a relevância antropológica da festa se a Antropologia continuar insistindo no sentido de compreender o *espírito festivo* como uma dimensão menor e que, forçosamente, deverá ser mantida sob controle para que não exorbite, traindo a escala de valores sobre a qual se costuma fundamentar a existência humana? As dimensões humanas ganham maior ou menor relevância em estreita dependência da interpretação que se tem do ser humano.

## 1. ESPÍRITO PRODUTIVO E SENSO LÚDICO

Em todos os momentos de sua história, o ser humano precisou gastar energias para assegurar a própria sobrevivência e para criar melhores condições de vida, na descoberta de novos caminhos de progresso. Não é casual, por conseguinte, e nem fato isolado, que em nosso Mundo Ocidental um dos princípios básicos de funcionamento da sociedade seja justamente a *dinâmica produtiva*. Com ênfase particular e até com requintes de crueldade, o momento cultural que estamos vivendo caracteriza-se também pela exaltação da operosidade humana. As pessoas são julgadas, valorizadas ou condenadas, em estreita ligação com a capacidade produtiva. Nas sociedades opulentas chega-se até a perceber um índice de crescente insatisfação em face da ociosidade que vai progressivamente marcando as pessoas como imposição da idade. Alguns países vêm cortando aos poucos os subsídios reservados aos idosos. Persistindo esta tendência, os deficientes (físicos ou mentais) e os que perderam irremediavelmente a capacidade produtiva serão objeto de feroz exclusão.

Mas além do trabalho, busca-se igualmente um espaço essencial reservado ao *lazer*. Embora algumas pessoas tendam a compreender o lazer em oposição ao trabalho e, por conseguinte, com ele irreconciliável, o fato é que estamos diante de duas dimensões essenciais da pessoa humana. Ela necessita simultaneamente trabalhar e encontrar espaços significativos de lazer. Há que se reconhecer, é verdade, a existência de uma tensão entre essas duas dimensões. O trabalho é uma atividade produtiva. Já o lazer se apresenta como uma dinâmica não

produtiva. A questão agora diz respeito à posição que elas ocupam numa escala de valores que expresse o essencial da humanidade.

Talvez possa ajudar-nos no discernimento a percepção de uma diferença entre *descanso* e *lazer*. O descanso é uma indicação da limitação essencial do ser humano. Com efeito, o trabalho, entendido como atividade produtiva, exige da pessoa um dispêndio de energias diretamente proporcional ao tipo de atividade e à sua duração. Quem trabalha sabe que sempre deve pagar um preço em termos de cansaço. Mesmo as pessoas tomadas pela ansiedade produtiva sabem que há um limite intransponível. Os trabalhadores compulsivos e os que são submetidos a ritmos desumanos de produção acabam por defrontar-se com o fenômeno sempre penoso do envelhecimento precoce. Nessas situações-limite a expectativa de vida atinge níveis incrivelmente baixos. O trabalho, que deveria ser fonte de prazer e espaço de sobrevivência com dignidade, torna-se um fardo quase insuportável. É normal, então, que muita gente veja nele uma servidão.

Mas o lazer não pode ser identificado com a necessidade de recobrar as forças em vista de uma retomada das próprias responsabilidades produtivas. Para isso há justamente o descanso. Nesta mesma linha de reflexão, o lazer não pode estar ligado ao período de férias como se alguém, após dedicar onze meses ao trabalho, dispõe-se a um mês de lazer. Pelo contrário, na medida em que é por natureza uma dimensão não produtiva, o lazer deve fazer parte do cotidiano das pessoas. Ele é, de certa forma, um contrapeso da atividade produtiva diária. O que está subjacente a esta compreensão é o dado antropológico de que o *ser humano não pode produzir o essencial de sua vida*, as experiências e dimensões mais gratificantes e mais fundamentais: o amor e a amizade. Neste nível, como tentarei mostrar mais adiante, o ser humano é *receptivo* e não *produtivo*. Dentro desta perspectiva, eu diria que o lazer, da mesma forma que a festa, a celebração, a contemplação, é memória da extraordinária relevância desses valores essenciais.

## 2. SENTIDO PRODUZIDO E SENTIDO ENCONTRADO

Na compreensão do ser humano e do espaço que a festa deveria ocupar em sua vida ganha força a dinâmica do conhecimento. Há um impulso vital que leva o ser humano a indagar, a tentar decifrar o sentido da realidade, a descobrir a significação do que se é e do que se faz. Justamente quando se pensa em programar a vida, distribuir o tempo e ocupar o espa-

ço, o conhecimento ganha todo o seu sentido. Não há necessidade de que o ser humano seja forçado a conhecer a realidade. Isso ele o faz espontaneamente, geralmente de maneira funcional, no interior de uma rede de interesses. De fato, segundo Karel Kosik *a atitude primordial e imediata do homem, em face da realidade, não é a de um abstrato sujeito cognoscente, de uma mente pensante que examina a realidade especulativamente, porém a de um ser que age objetiva e praticamente, de um indivíduo histórico que exerce a sua atividade prática no trato com a natureza e com os outros homens, tendo em vista a construção dos próprios fins e interesses dentro de um determinado conjunto de relações sociais*<sup>1</sup>.

1 Cf. KOSIK, K., *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p. 9-10.

Algumas pessoas (talvez, a maioria) não sentem disposição para ir além do resultado desta tendência espontânea. Outras há (ao que tudo indica, a minoria) que não se dão por satisfeitas com isso. Elas querem saber sempre mais e melhor até para qualificar a própria vida. Em alguns casos, o que tais pessoas excluem não é o conhecimento em si, mas o que vem através da escolaridade. Julgam que as experiências vitais sejam suficientes para o tipo e nível de conhecimento que procuram. Um número muito restrito de pessoas se entrega por inteiro à tarefa certamente apaixonante, mas igualmente difícil, de tentar encurtar a distância entre o sujeito que conhece e a realidade a ser conhecida.

Mas é importante perceber, no interior do conhecimento humano, a necessidade de uma distinção essencial. Há, primeiramente, aquilo que se poderia denominar *sentido produzido*. O ser humano necessita justificar e legitimar suas opções valorativas. Dentro desta preocupação, ele tenderá a elaborar formas de conhecimento que o ponham a salvo de críticas, reais ou possíveis. Este *sentido produzido*, justamente porque se preocupa em legitimar o que se faz e o que se pretende fazer, traz impressa a imagem e semelhança de seu autor. Se esta fosse a única forma de conhecimento, o risco inevitável seria a mediocridade uma vez que ninguém produz significações que lhe sejam desfavoráveis.

Felizmente, há também um *sentido encontrado*, aquele que não é produzido pelo ser humano e que vem ao seu encontro como surpresa. Ele, com frequência, é gerador de crise e pode levar as pessoas por caminhos incômodos, embora profundamente verdadeiros. Aqui a atitude gratuita aparece quando o ser humano revela abertura ao *sentido encontrado*, isto é, quando ele não se previne e não se defende de algo que pode fazer mudar por inteiro o rumo da própria vida. A experiência vivida irá mostrar-lhe progressivamente que as coisas mais importantes nunca são aquelas que ele *faz* e sim aquelas que lhe *acontecem*.

Ampliando a questão para além do processo do conhecimento, é possível perceber que há dimensões de realidade que são produzidas por nós. Como elas carregam uma dimensão de interesse, tendem naturalmente para a autojustificação. Mas há dimensões de realidade que vivemos e não produzimos: são aquelas que vem no impacto da surpresa, que nos encontramos desprevenidos, que geram crises, que nos espreitam nas encruzilhadas dos caminhos, mas que podem levar-nos a dar passos qualitativos em nossas vidas. O segredo de uma caminhada significativa reside na coragem de não acionar mecanismos preventivos de defesa e de enfrentar com coragem e sem complexos de vítima a perspectiva de mudanças radicais. Essencial é também a *conversão*, nas duas acepções de *convergir*, constituindo uma unidade fundamental, e de *mudança de direção*, em busca de novos caminhos de maior plenitude. Aceitar o desafio da surpresa é condição de autêntico crescimento humano. Os medíocres vivem satisfeitos no interior de suas *produções*.

### 3. O SER HUMANO: RAZÃO, TRABALHO E GRATUIDADE

Na história do conhecimento e na caminhada ascendente da Humanidade, o ser humano foi definido primeiramente como *razão*. Em sua dimensão mais verdadeira, ele seria alguém que atinge seu nível mais amplo e mais profundo quando, fazendo uso da racionalidade, *interpreta* o sentido da realidade. Caracteriza-o essencialmente a capacidade de argumentar e demonstrar. Daí é que decorre sua definição como *animal racional*. É a compreensão que marca praticamente todo o pensamento filosófico até Kant e o Iluminismo. Este, de maneira especial, levou tal concepção às últimas conseqüências: a razão é tomada como critério do bem e do mal, medida de todas as coisas. O próprio Kant definiu o Iluminismo como a *idade da razão*: daqui para a frente, o ser humano não poderá acreditar em nada que não seja rigorosamente demonstrado. Na verdade, ele não poderá mesmo *acreditar* porque teríamos aí um *ato de fé*. Ora, de acordo com os iluministas, tal ato seria por natureza irracional e, conseqüentemente, inaceitável. Por outro lado, o que é demonstrado leva para a *certeza* e não para a *fé*, que é essencialmente *confiança*. É o chamado *homo sapiens*.

Num segundo momento, a partir sobretudo de Marx e Engels, o ser humano passou a ser definido como *trabalho*. Em sua dimensão de maior profundidade, ele seria alguém que *transforma* a realidade. Definindo essa nova situação, Marx

afirmou que se até aquele momento a tarefa da filosofia era a de *interpretar* a realidade, daqui para a frente sua tarefa será a de *transformá-la*. A qualificação do ser humano estaria ligada essencialmente à sua capacidade de trabalho. É o que se denominou *homo faber*.

Em tempos recentes, algumas tendências no interior da Antropologia passaram a sustentar que a essencialidade humana não se expressa nem na *razão* e nem no *trabalho*, e sim na *gratuidade*. De onde brotou semelhante convicção? O princípio inspirador foi o reconhecimento de que *deve ser considerada essencial na definição do ser humano a experiência onde ele se expressa com maior abrangência e profundidade*. Ora, há praticamente um consenso entre as Ciências Humanas, e mesmo ao nível do senso comum, no sentido de reconhecer que o *amor* e a *amizade* constituem as experiências mais profundas e significativas de quantas sejam dadas ao ser humano viver. Nunca ele atinge um nível tão expressivo e radical como quando experiência de forma gratificante a alegria de amar e ser amigo. E o que são o amor e a amizade senão expressões genuínas de gratuidade? Temos aqui o se que denominou *homo ludens*.

Pode ajudar a situar-nos no interior desta perspectiva aquilo que Roger Caillois diz a respeito do *jogo*. Após afirmar que ele evoca uma atividade sem coação e, ao mesmo tempo, sem conseqüência para a vida real, diz o autor: *Ele se opõe à seriedade da vida real e passa a ser qualificado como frívolo. Por outro lado, ele se opõe ao trabalho como o tempo perdido em relação ao tempo bem empregado. Com efeito, o jogo nada produz: nem bens e nem obras. Ele é essencialmente estéril*<sup>2</sup>. Trata-se, por conseguinte, de uma atividade que é por natureza gratuita: *Esta gratuidade fundamental do jogo é justamente a característica que mais gera descrédito em relação a ele. É ela também que permite que a gente a ele se entregue com despreocupação e que o mantém isolado das atividades fecundas*<sup>3</sup>.

2 Cf. CAILLOIS R., *Les Jeux et les hommes*. Paris, Gallimard, 1991, p. 9.

3 Ibidem, p. 10.

#### 4. A GRATUIDADE E A SUPERAÇÃO DAS CLASSES SOCIAIS

A sociedade está estruturalmente marcada pela divisão em classes. Este fato configura uma situação na qual as injustiças proliferam, onde a força de trabalho é vendida no vil mercado dos meios de produção, onde o acesso aos benesses da sociedade está bloqueado à maioria da população, onde a dignidade humana é reduzida à condição de objeto. O desconforto que daí resulta levanta o clamor no sentido de que tal situação seja superada e substituída por um modelo de sociedade que assegure a todos as condições essenciais para viver com dignidade. Para isso será necessário acionar mecanismos que levem

progressivamente à superação das classes. Na utopia marxista, a meta final é a sociedade sem classes.

Tarefa tão premente sempre encontrou poderoso bloqueio na compreensão do ser humano a partir da *produção*. Se definirmos o ser humano fundamentalmente a partir da racionalidade e das possibilidades produtivas teóricas que ela oferece, é evidente que a superação das classes será literalmente inviável. E isso porque as pessoas não detêm igual capacidade racional. O *êxito produtivo intelectual* sempre será inspirador de superioridades e inferioridades, alimentando a sociedade de classes. Por outro lado, se a definição do ser humano tiver no *trabalho*, enquanto atividade produtiva que transforma a realidade, sua inspiração maior, o resultado é o mesmo do anterior porque não é a mesma em todos a capacidade de trabalho.

A partir do que foi dito acima, a conclusão é muito simples: é impensável a superação das classes sempre que o ser humano for definido a partir daquilo que ele é capaz de produzir. A superação do impasse decorre justamente de uma mudança substancial na definição mesma do ser humano. Aqui ele deverá ser compreendido a partir da experiência do dom. Neste nível, ao invés de ser *produtivo*, ele é *receptivo*, porque sua característica fundamental é a *gratuidade*. E o gratuito é sempre aquilo que vivemos mas não produzimos. Aliás, nem seria gratuito se fosse obra da operosidade humana.

Se os seres humanos são profundamente desiguais a partir do que produzem, eles são profundamente iguais na abertura ao dom, nas possibilidades fantásticas de amor e amizade. Neste nível, a *superioridade produtiva*, tanto em nível de interpretação da realidade como de sua transformação, pode até constituir-se em entrave ao nível do senso lúdico, ou do espírito gratuito. A pessoa *superior* sempre terá dificuldades em reconhecer e aceitar que nas *questões essenciais* ela é *receptiva* e não *produtiva*. Ela tenderá a imaginar, a título de exemplo, que o amor e a amizade que recebe decorrem *naturalmente* de suas qualidades, ou de seus méritos. Esse dado ajuda a compreender porque é que as pessoas mais simples costumem ser mais genuinamente gratuitas e mais capazes de partilhar, ou são mais autenticamente desprovidas de espírito interesseiro e de presunção. Dito em forma conclusiva, somente a gratuidade oferece um embasamento antropológico para a superação das classes sociais e para a criação de um mundo de iguais.

## 5. A RELEVÂNCIA ANTROPOLÓGICA DA FESTA

Em sintonia com aquilo que foi dito até aqui, a festa será compreendida como uma *experiência não produtiva* que nasce

no coração mesmo da *gratuidade*. Por isso ela será considerada essencial para a afirmação da dignidade humana e para a própria sobrevivência da humanidade.

### 5.1. A festa como transbordamento

Em seu sentido mais genuíno, a festa é expressão de uma exuberância que não pode ser mantida sob controle, que não pode ser submetida a cálculos e que se expressa como *transbordamento vital*. É toda a vitalidade da pessoa que está em jogo, sua dimensão de mistério e sua significação mais profunda. Podemos enquadrar objetos que estão ao nosso dispor, não porém as pessoas, justamente em razão de seu mistério insondável.

Ninguém ignora que a vida humana é cerceada das mais variadas formas no interior de uma sociedade, nas comunidades e nos grupos constituídos. A dimensão de funcionalidade faz com que ela seja domesticada, levando-a a convergências que nem sempre respondem à sua realidade mais profunda. Se tudo se resolvesse no interior destas formas de controle, poucas chances teriam as pessoas de atingir a plena maturidade. E isso porque elas são portadoras de uma dimensão que resiste a todas as tentativas de controle. O espaço reservado à festa, bem mais que algo interessante, é condição de necessidade de sua própria sobrevivência com dignidade. A festa é, então, o transbordamento que possibilita a permanência do mistério e, conseqüentemente, a garantia de que o ser humano sobrevive como pessoa, como realidade não manipulável.

### 5.2. A festa e a busca do ser

Outro elemento importante para compreender a dinâmica da festa é o fato de que ela é *busca do ser*, em face da *tirania do ter*. O nosso tempo vem revelando-se pródigo no cultivo das aparências e na avaliação da pessoa a partir de suas posses, de sua posição em nível sócioeconômico, de sua ascensão na escala social. Fala-se agora dos e das *emergentes*, expressão acabada da mediocridade espantosamente elevada à condição de valor. A tirania do ter nasce justamente da ênfase na capacidade produtiva das pessoas, em nível de razão e de trabalho.

Mas, conforme vimos anteriormente, sempre que compreendemos e definimos o ser humano a partir de suas capacidades produtivas, o resultado inevitável é o surgimento e a sustentação das classes sociais. A festa, enquanto momento e espaço não produtivos, é veemente contestação desta *tirania do ter*, para afirmar que somente o *ser* é capaz de definir a essencia-

lidade humana. E o ser, mesmo que não exclua a produção, se define essencialmente como gratuidade. E é somente no interior desta perspectiva que faz sentido o tema da igualdade fundamental.

### 5.3. A festa e a superação do cálculo

No sentido de expressar toda a sua exuberância, a festa é também superação do cálculo, que é sempre uma tentativa de mantê-la sob controle. De certa forma, ela é protesto contra toda organização exasperada da existência humana e clamor no sentido de que a espontaneidade criativa determine o ritmo de tudo o que o ser humano é e faz. Aqui é importante ressaltar que há uma *mística do desperdício*, sem a qual a festa perde uma de suas dimensões essenciais. Aqueles que desejam entrar na festa, mas estão destituídos de *espírito festivo*, costumam apresentar arrazoados que supostamente justificariam a presença do cálculo e a conseqüente necessidade do controle. Há que se reconhecer a existência de um *espírito anárquico* que é garantia de autenticidade da festa.

As posturas moralistas que costumam ser adotadas em face do *desperdício* à primeira vista parecem revelar equilíbrio, bom senso e responsabilidade. Mas o que ocorre com certa frequência, na verdade, é a emergência de um espírito mesquinho que, por não saber captar a festividade enquanto momento lúdico, revela-se escravo de um utilitarismo invariavelmente pernicioso. Há um episódio no Evangelho (Mc 14,3-9) que, lido antropológicamente, traz uma importante *revelação*. Uma mulher quebra um vaso de alabastro e derrama precioso perfume sobre a cabeça de Jesus. Os viciados em utilitarismo protestam alegando, como justificção para condenar o desperdício, o fato de o perfume poder ser vendido por um preço elevado e o montante ser dado aos pobres. A motivação é plausível mas ignora que, em determinadas circunstâncias, o desperdício revela dimensões de humanidade que a utilidade passa sob silêncio. É, uma vez mais, a *tiranía do ter* por oposição à *sabedoria do ser*.

### 5.4. A festa e a superação da moral

Ninguém ignora que há uma necessidade de direcionamento dos comportamentos e atitudes humanas no sentido de que possam convergir em projetos comuns e em formas sadias de convivência. É a condição humana que nos atinge em profundidade e por ela temos um preço bem alto a pagar em termos de restrição de possibilidades. Mas o risco permanente é

a cristalização das instituições e o conseqüente sufocamento da liberdade. Daí a necessidade da *transgressão* como forma de assegurar a sobrevivência com dignidade.

Na mais recente de suas publicações entre nós, e que leva o título de *Os invejosos*, Francesco Alberoni assim se expressa: *Nenhuma sociedade consegue viver se não consegue anular periodicamente as suas normas de vida, se não cria espaços e ocasiões para infringi-las. É necessária a dissipação, a infração, a mistura, a desordem, sejam periódicas ou habituais, para revitalizar as instituições. Sem esse desafio, sem essa irrigação emocional, sem essa recreação da fusão coletiva, qualquer instituição definha, esgota-se*<sup>4</sup>.

4 Cf. ALBERONI, F. *Os Invejosos*. São Paulo, Rocco, 1996, p. 170

Em síntese, a revitalização da moral e sua periódica superação na festa representam exigências elementares de uma sobrevivência com dignidade. Tantas vezes, os que permitem à História avançar de forma construtiva são os que têm a coragem de transgredir com responsabilidade. Os *submissos* e *fiéis observantes* costumam atravancar a caminhada histórica e são inspiradores de estagnação.

### 5.5. A festa como contestação do poder

Toda autoridade constituída, que atribui a si a mais elevada seriedade, tende a pecar pelo excesso e trair sua inspiração no interior do espírito de serviço, que a deve marcar essencialmente. As mais cruéis formas de tirania pecam justamente pela seriedade em todas as suas manifestações e expressões, em seus símbolos e rituais, e para isso acionam poderosos mecanismos de defesa. Mas um povo nunca será inteiramente escravo enquanto puder rir das formas mais sérias de poder, da autoridade de mais sagrada, apesar de toda a aura que a circunda.

Neste sentido, a festa, mesmo não sendo uma atividade funcional e útil, porque se expressa de forma exuberante e é fim em si mesma, constitui mecanismo extraordinário na sobrevivência de um povo. Sintomático deste espírito de contestação do poder pela festa é o fato de que, por ocasião do carnaval, se faça a eleição do rei momo. Aparentemente, é uma autoridade a mais ou indício de uma suposta índole submissa do ser humano. Na verdade, como este *reinado* se expressa na chacota, ele consegue expor ao ridículo o poder com seu mecanismos de força. É inegável, no interior desta perspectiva, que o carnaval exerça poderosa ação terapêutica junto às pessoas, assegurando-lhes espaços significativos de liberdade. Talvez se pudesse dizer do poder aquilo que Thomas Morus reconhece ser uma grande bem-aventurança: bem-aventurados aqueles que sabem rir de si mesmos porque sempre terão

como se divertir. Em síntese: quanto mais festivos formos, mais humanos seremos. Os utilitaristas de todos os matizes decrescem em humanidade.

## 6. CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, parecem-me sugestivas (ressalvando o que elas têm de *retórica*) as observações do personagem Dr. Carlos no romance *O Ateneu* de Raul Pompéia a respeito da *arte*, que se situa no mesmo universo compreensivo do *jogo* e da  *festa*: *Qual a missão da arte? Originária da propensão erótica fora do amor, a arte é inútil... Além de inútil, a arte é imoral... Poema intencionalmente moral é o mesmo que estátua polícroma, ou pintura em relevo... Cruel, obscena, egoísta, imoral, indômita, eternamente selvagem, a arte é a superioridade humana — acima dos preceitos que se combatem, acima das religiões que passam, acima da ciência que se corrige; embriaga como a orgia e como o êxtase*<sup>5</sup>.

5 Cf. POMPÉIA R., *O Ateneu*, São Paulo, Ática, 1991, p. 82

## BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Z. *Ética pós-moderna*. São Paulo, Paulus, 1997.  
BERGSON, H. *Il Riso*. Milano, Mondadori, 1992.  
CAILLOIS, R. *Les jeux et les hommes* Paris, Gallimard, 1991.  
CORÇÃO, G. *A descoberta do outro*. Rio de Janeiro, Agir, 1967.  
COX, H. *La festa dei folli*. Milano, Bompiani, 1971.  
COX, H. *La seduzione dello spirito*. Brescia, Queriniana, 1974  
GARAUDY, R. *Danzare la vita*. Assisi, Cittadella, 1985.  
HUIZINGA, J. *Homo ludens*. Torino, Einaudi, 1973.  
MOLTMANN, J. *Sul gioco*. Brescia, Queriniana, 1988.  
TABORDA, F. *Sacramentos, práxis e festa*. Petrópolis, Vozes, 1994.